



3912 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT06 - Educação Popular

A FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES - BA: ESPAÇO PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS E EDUCAÇÃO POPULAR.

Reginalva dos Santos Bruno - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO

O texto tem como objetivo compreender as festas populares como espaços de práticas educativas e populares. Utilizamos como exemplo uma festa que representa a junção de práticas culturais étnico-raciais e de religiosidade afro-brasileiras. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica e os resultados indicam que as festas populares operam como dimensão pedagógica, a exemplo da festa do milagre de São Roque.

Palavras-chave: Festas Populares, São Roque, Cultura Popular.

FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES - BA: ESPAÇO PARA PRÁTICAS EDUCATIVAS E EDUCAÇÃO POPULAR

INTRODUÇÃO

O texto apresenta resultado parcial de uma pesquisa cujo objetivo é compreender as festas populares, enquanto espaços de práticas educativas e de educação popular. Para atingir esse objetivo, utilizamos como exemplo uma festa no interior de um município baiano que representa a junção de práticas culturais étnico-raciais e de religiosidade afro-brasileiras.

Para Meneses (2009), as festas populares são importantes objetos de estudos das ciências da sociedade e educação, devido a seu grande número no Brasil, principalmente aquelas relacionadas ao ciclo do calendário religioso e também porque a partir da iniciativa governamental brasileira de criação da categoria "patrimônio cultural de natureza imaterial", tornou-se reconhecido o potencial dos saberes e formas de expressão das festas enquanto ofícios da tradição popular que deve portanto ser protegido e preservado.

Podemos obter vários aprendizados sobre as festas, como a que acontece no Município de Amélia Rodrigues – Bahia, nomeada de "a festa no Milagre de São Roque" que, mantida em função da cooperação da comunidade afro-rural, a mesma envolve o grupo em todas as suas etapas, passando pela preparação durante a fase cerimonial e aproveitando, ao mesmo tempo, da fruição, atuação e até mesmo a reorganização para o retorno à rotina.

A problemática é experimentar e refletir sobre as possibilidades educativas das festas populares, a exemplo da festa supracitada e como possíveis resultados, ainda que provisórios, podemos apontar que as festas populares advindas da elaboração cultural, étnica e social de uma comunidade é um estudo necessário e tem como propósito fomentar o diálogo sobre a cultura popular e as práticas educativas não formais.

No presente trabalho utilizamos como metodologia uma abordagem subsidiada por uma pesquisa bibliográfica, que compõe o primeiro capítulo da dissertação, com interesse em ampliar a compreensão e contribuir com reflexões acerca da temática como meio de melhor exemplificarmos as relações que podemos estabelecer entre festas e a questão educacional.

Trabalhar com as noções de festas populares, cultura popular e educação popular nos possibilita uma desconstrução das concepções e representações negativas sobre as manifestações culturais e de religiosidades afro-brasileira em nossa sociedade, contribuindo para a promoção do reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira e, nesse contexto, têm-se assim a oportunidade de celebrar, conhecer, trocar saberes, conhecimentos e discutir diferentes aspectos como no caso as questões de construção de identidades.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS CONCEPÇÕES SOBRE OS TERMOS FESTA E FESTAS POPULARES

A festa pode ser considerada como uma manifestação social e cultural fundada em acontecimentos históricos ou míticos, por parte de uma comunidade, grupo ou sociedade, que no presente reafirma através dela, graças a símbolos, a rituais e a alegorias próprias, a sua identidade cultural, religiosa ou política. Assim, estabelecer uma conceituação para festa é um trabalho muito difícil, pois a mesma pode ser vista a partir de diversas perspectivas.

Segundo Guarinello (2001), “não existe, na verdade, uma conceituação minimamente adequada do que seja uma festa. Festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas” (p. 969). Assim, para o autor, acrescentando a essa dificuldade de conceituar a festa, ele ainda explica em suas colocações que isso “tem efeitos sérios, pois impede as teorias correntes sobre a festa de escapar das aporias impostas pelo senso comum e torna impossível o diálogo entre os próprios cientistas, já que não há acordo prévio sobre o que se está falando” (Idem, p. 970).

Salvaguardando as dificuldades de conceituação explicitada pelo autor, para efeito de sistematização do presente texto, a festa será considerada como um momento importante para a sociabilidade, um elemento constitutivo do modo de vida das pessoas, cuja característica especial é o trabalho com o popular como sendo um produto do cotidiano que interrompe temporariamente as atividades cotidianas dos participantes, e que envolve não só a presença, mas também a participação concreta de um determinado coletivo, resultando assim em um complexo processo de aprendizagens por congregarem diferentes segmentos sociais, sendo um momento privilegiado para o exercício de trocas culturais.

A partir do exposto, podemos então continuar nossa abordagem destacando agora a terminologia festas populares, que podem ser definidas como manifestação popular, cuja intensidade ultrapassa os limites de uma atividade festiva individual, abrangendo também o coletivo em festas realizadas em diversos países com manifestações diferentes, de acordo com as questões sociais e culturais.

As festas populares são comemorações ou eventos festivos, cuja principal característica é a participação do povo ou seja da coletividade e são caracterizadas também pela presença marcante das tradições regionais, rituais religiosos, comidas, músicas, danças, roupas típicas etc. Desta forma, as festas populares podem ser entendidas como sendo estruturas sociais e culturais que reproduzem crenças, signos, valores e de estratégias de resistência.

As terminologias festa e festas populares são elementos que constituem um domínio da cultura do qual emergem as identidades que singularizam os grupos humanos e as sociedades ao longo do tempo e por isso vêm ganhando importância social, política e econômica e assim têm se tornado assunto de diversos debates e se constituem como relevante campo de estudos em várias áreas do conhecimento, sendo a educação uma dessas alternativas viáveis para o desenvolvimento de importantes pesquisas acadêmicas, como tem sido a tentativa de contribuição do presente trabalho.

FESTA NO MILAGRE DE SÃO ROQUE NA COMUNIDADE IPIRANGA NO MUNICÍPIO DE AMÉLIA RODRIGUES – BAHIA

Dentre as muitas festas populares religiosas na Bahia, destaca-se a festa no Milagre de São Roque, pois trata-se de uma festa pouco conhecida no círculo de festas populares e religiosas da Bahia mesmo tendo como culto principal São Roque, que é muito reverenciado na capital Salvador e em outras cidades do interior baiano e também do Brasil.

A festa no Milagre de São Roque é realizada na localidade denominada de fazenda Ipiranga, área que engloba a usina chamada de Itapetingui, na sede do município de Amélia Rodrigues, onde acontece as demonstrações de religiosidade individual e coletivas de muitos moradores do município e de várias localidades próximas e algumas delas distantes da região, devido à fé que muitas pessoas têm neste santo de devoção, tanto a nível da religião católica como no candomblé e umbanda.

Quanto à origem do milagre, essa se encontra cercada de várias lendas e demonstrações do imaginário e das representações da memória das pessoas do lugar, que colocam diversas situações explicativas para o surgimento do milagre fundamentado pelo ideal de religiosidade e misticismo próprios da região, como as várias visualizações feitas por moradores em relação ao santo São Roque no local do Milagre, conforme temos ouvido nas conversas com pessoas que frequentam a festa e que será analisado em uma outra parte da pesquisa.

A festa expõe também todo o lado divertido do misticismo festivo religioso brasileiro com a presença de músicas, comidas, danças e tudo mais que se imagine e que se possa ter num dia considerado como especial, em que as pessoas se aproximam e festejam juntas, em famílias, mesmo vindo pessoas de vários outros lugares e sem se conhecerem, tendo em vista tão-somente por agradecerem com uma grande festança, os benefícios alcançados através do santo, de sua grande devoção que é o senhor São Roque ou dos Orixás Omolu e Obaluê.

Diante do que foi exposto, verificamos que a festa no Milagre de São Roque constitui-se em um marcante exemplo de festas populares e religiosas brasileiras em que é evidente a presença do sincretismo, associado a elementos do catolicismo popular e das tradições religiosas africanas, o que a torna uma festa de muitas referências para estudos e aprendizagens de saberes, fazeres, sentidos e representações da cultura popular do Brasil, sobretudo para a educação popular, inclusive com temas mais específicos, quais sejam: saúde e meio ambiente.

AS FESTAS POPULARES E AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

As festas populares, por constituírem-se como parte da cultura imaterial de um povo e do qual emergem as identidades que singularizam grupos humanos e sociedades inteiras, podem ser entendidas como uma manifestação popular, cuja intensidade ultrapassa os limites de uma atividade festiva individual, abrangendo a coletividade em festas realizadas em diversos lugares com manifestações diferentes e que expõe um inegável processo educativo.

Com isso, as festas populares tornam-se uma experiência educativa no contexto das culturas populares brasileiras, que são entendidas como momentos privilegiados nos quais as populações rurais das pequenas cidades e das periferias das grandes cidades interrompem a rotina de trabalho e da vida da casa para “festejar” com vizinhos, amigos, coparticipantes da mesma crença e das mesmas tradições (PESSOA, 2005. p.3).

As festas constituem-se em eventos de grande poder aglutinador, marcando as comunidades e seus praticantes, transformando-se em um elo identitário de pessoas e de grupos, pois permitem criar culturas, símbolos e identidades, já que permitem viverem novos valores, novas formas de sociabilidade e novas relações com o mundo, sendo necessários esforços coletivos de preservação, pois as mesmas constituem-se em espaços a céu aberto de práticas educativas e de educação popular.

Como nos aponta Ribeiro Junior (1982), a festa é caracterizada pelas dimensões lúdica e pedagógica afirmando que há neste evento tão simbólico uma “pedagogia da festa” não formalizada, pela qual se transmite o núcleo central da cultura de um povo, e em vista disto

nos alerta que a festa é também uma forma de “pedagogia social” pois caracteriza-se como práticas educativas que não se limitam aos muros da escola, ocorrem em todos os contextos e âmbitos da existência individual e social humana, de modo institucionalizado ou não, sob várias modalidades, ou seja pode pôr à vista mundos novos, capazes de potencializar a resistência de um povo.

A educação, vista a partir dessa ótica, acontece em diversos espaços como praças, ruas, casas, eventos, através das atividades desinteressadas, manifestações culturais, jogos em grupos, festas e etc., lugares onde são feitas trocas tão ricas da nossa cultura, que a cada dia vai sendo modificada, visto que são espaços de constantes aprendizados desinteressados e que carregam os sentidos e significados para uma vida em comunidade.

Como podemos perceber, a relação entre festas populares e educação popular é possível, pois o que se observa é uma educação pautada no riso, na alegria, no desafio, na descoberta, na experiência, no não saber fazer, no querer apreender, no processo; o que constitui os pressupostos da educação popular: que ensina brincando através do movimento que ao se fazer, vai se fazendo, se construindo como tão bem foi expressado por Paulo Freire (1987) em seu fazer pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procuramos mostrar as festas populares, como espaços de práticas educativas e de educação popular, podem gerar conhecimentos significativos e que, inclusive, permitem a construção de identidades, pelo compartilhamento dos símbolos e significados que cada indivíduo possui em relação ao seu meio e em relação ao resgate da memória do seu espaço social e isso é o que tem sido observado na pesquisa aqui brevemente apresentada.

A junção de educação e cultura popular são importantes instrumentos de transformação social, passando a ser pensadas, propostas e praticadas a partir das condições das classes subalternas e da visão de mundo das classes populares. Isso implica que a educação é vista como ato de conhecimento e transformação social, tendo certo cunho político, demonstrando assim sua relação com a educação popular que pode ser experimentada em qualquer contexto, porém sabendo que as experiências mais comuns ocorrem em assentamentos rurais, em instituições socioeducativas, em aldeias indígenas e no ensino de jovens e adultos, entre outros espaços informais e também pode utilizar-se de outras referências como as festas populares como meio de aprendizagens e que trouxemos como reflexão para apresentar no presente texto, como primeiros resultados da pesquisa; além de termos constatado que o referido tema é incipiente nas pesquisas do campo da educação popular, como pode ser constatado em levantamento de artigos na base scielo; dissertações e teses na plataforma Sucupira e nos trabalhos apresentados no GT de Educação Popular da ANPEd.

A prática da cultura popular produzida através das festas populares como uma dimensão pedagógica é relevante, pois valoriza as questões relacionadas à tradição, memória, e serve como ferramenta educativa para a população. Além disso, outra importante contribuição do uso dos aspectos culturais como práticas educativas na perspectiva da educação popular é a promoção do redirecionamento da vida social, pois, a principal característica da educação popular tem sido o de utilizar o saber da comunidade como matéria prima para o ensino, valorizando todos os sujeitos sociais nesse processo, e tornando esse espaço de educação em um lugar de afetos, alegrias, diversão e amorosidades, e isto conferido pelas festas populares, em especial, a do milagre de São Roque.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs.) **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001.

MENESES, U. T. B. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio Cultural: desafios, estratégias e experiências para uma nova gestão, Ouro Preto/MG, 2009 /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Brasília, DF: Iphan, 2012, 404 p. (**Anais**). v. 2, t. 1), p.25-39.

PESSOA, J. M. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Editora da UCG/Kelps, 2005.

RIBEIRO JÚNIOR, J. C. N. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.